



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6685 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

VIDA DE PROFESSORA: CURRÍCULOS COMO ROMANCE EM ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Soymara Vieira Emílio - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

VIDA DE PROFESSORA: CURRÍCULOS COMO ROMANCE EM ESCOLAS PÚBLICAS PERIFÉRICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Nos longos e tristes dias de implacável pandemia, a criança que morava no alto de um morro, buscara a velha professora, de modo remoto, escrevendo:

- Tenho saudade das aulas, de ti. Quero te contar que continuo dedicada mesmo após tua partida e melhorei a leitura e a escrita. Sei que não é mais minha professora, apesar de sempre ser, porém, ficaria muito grata se me enviasse atividades sobre divisão. Você me concede esse favor? ##vidadeprofessora

A escolha da narrativa, além de marcar o terrível tempo que atravessamos com maior crise sanitária de nossa geração, vem assumir os primeiros passos deste artigo, recorte de minha pesquisa de doutoramento, onde investigo as experiências docentes, através de escritas de si, para compreender o que circula nas escolas onde atuo como professora, na busca de outras possibilidades inventivas e originais de ser e viver a docência.

Mergulhada nas experiências, como docente de escolas localizadas nas periferias de um município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, venho escrevendo narrativas e publicando-as, há três anos, na página “Vida de Professora”, em uma rede social, o Facebook. São histórias de “momentos desimportantes” que possibilitam desinvisibilizar os inventivos fios curriculares com que são tramados os múltiplos cotidianos escolares.

Investigo ainda o vigor das escritas de si para desinvisibilizar os currículos inventivos que estão em circulação nesses *espaçostempos*, e assim, das dimensões não hegemônicas para o entendimento das escolas, professores e estudantes. Com Reis e Garcia (2014), compreendo que as escritas de si podem criar um campo de possíveis, instituindo saberes, alternativas e sentidos ao instituído. Assim, toda “história real” é uma invenção e uma interpretação simultânea, na mistura do desejo de uma realidade e a possibilidade dessa produção através

de “um discurso que represente a verdade sobre essa realidade” (p.101)

Reconhecendo a impossibilidade de separar o conhecer e fazer e o pesquisar e intervir, a pesquisa usa dos procedimentos abertos e inventivos do método cartográfico (PASSOS;KASTRUP;ESCÓSSIA.2015), para acompanhar os movimentos das escolas, assumindo que são as circunstâncias que determinam a investigação, na maneira que minha subjetividade vai sendo afetada “nos processos de rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento”(p.14) no campo de pesquisa.

O trabalho cartográfico está em diálogo com as bases *teóricas/metodológicas* do campo nos/dos/com os cotidianos (ALVES; OLIVEIRA, 2008; ALVES; OLIVEIRA; FERRAÇO; 2008), onde me constituo pesquisadora, na compreensão de que, para além de ser um lugar de reprodução, o cotidiano é um *espaçotempo* de criação e complexidade onde se enredam currículos e conhecimentos. Nessa direção, resalto que os autores José Machado Pais (2013), Boaventura de Souza Santos (2019) e Michel de Certeau (2008;2013), são os que, teoricamente, sustentam esta pesquisa no campo epistemológico.

Três noções são assumidas nessa investigação: que as soluções para os problemas globais são locais e provisórias (SANTOS 2019); que na produção do trabalho docente e de seus *fazeressaberes* (GARCIA, 2015) existem importantes experiências e saberes que não podem ser desperdiçados (SANTOS, 2019); e ainda, que as unificações curriculares tendem a promover o empobrecimento da experiência (SANTOS, 2019).

Assim, o trabalho assume que nos “micromundos” das escolas circulam muitos saberes, além daqueles captados pela racionalidade moderna. São conhecimentos produzidos abundantemente, predominantemente expressados na oralidade. Para que essa fugacidade criativa, original e inventiva não escape e as experiências sejam desperdiçadas, captá-las exige atenção de todos os sentidos.

As escolas localizadas nas periferias são hegemonicamente rotuladas como *espaçotempos* despotencializados. Porém, nesta pesquisa, são compreendidas como ricas em saberes, solidariedades, emoções, sensibilidades, aprendizados em rede, compreendendo-as assim, para além dos discursos homogeneizantes e demeritórios. As narrativas que tecem a pesquisa estão prenhes de sensações e sentimentos com/na docência, aquecendo a razão (SANTOS, 2019) de quem as narra e de quem as ouve.

Com Santos (2019), compreendemos que corpo se torna potente quando aquecido pelas emoções e afetos. O aquecimento dos corpos e, por conseguinte, dos conceitos, transforma a latência em potência, a ausência em emergência, o inatingível no “ali-à-mão”. Assim, esse aquecimento da razão aquece a ética, “precondição da indignação ativa” (p.151), tornando aquilo que é tolerado, intolerável e possível de ser superado

É possível afirmar que as professoras que colaboram com essa tese carregam um farnel de histórias aquecidas de salas de aula e de escolas, abarrotado de facetas invisibilizadas dos que nelas habitam. Seria possível, quando alguém perguntasse, “Como é ser professora?”, poder-se-ia dizer: “Senta aí, vou te contar uma história”. São narrativas quentes e por isso, grávidas de múltiplos sentidos e sensações, de redes complexas de vida e trabalho, de currículos *pensados/praticados*, histórias de vida, em movimentos minúsculos, insinuantes e delicados, ocasiões em que nós, jogando com os acontecimentos, transformamos em inventivos e originais patchworks cotidianos, como na narrativa que envolve dois estudantes que transformam a conversa sobre animais em *espaçotempo* para introduzir um debate político:

A leitura era sobre animais. Entre eles, uma lula. A docente provoca,

porque o mundo está na sala:

- É uma lula e não o Lula.

O menino aceita a provocação e enreda a conversa:

- Esse vai ser preso porque roubou.

Porém, o outro, que fez 7 anos no mês passado, levanta e protesta:

- Isso é uma mentira. Ele foi o melhor presidente desse país!

#vidadeprofessora

Palavras-chave: cotidiano escolar – narrativa - cartografia

REFERÊNCIAS:

ALVES, N. *Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. Revista Teias: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, Jan./Dez. 2003.

_____; OLIVEIRA, I. B.; FERRAÇO, C. E.. *Sobre redes e valores, com imagens e narrativas ao meio: uma história de contatos recentes entre grupos de pesquisa no Brasil e na França*. Symposium Europe, Amériques – L'éducation entre héritages et modernité. Waldersbach, ago. 2008.

_____; OLIVEIRA, I.B.. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008

GARCIA, A.. *O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas*. In: **37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2015, Florianópolis. Anais da 37a Reunião Científica da ANPED.. Florianópolis: ANPED/UFSC, 2015. v. 1.

_____; REIS, G. R. F. . *TATUAGENS DE SENTIDOS: memórias e invenções de si nos processos de formação docente*. Currículo sem Fronteiras, v. 14, p. 91-108, 2014.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* – Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAIS, J. M.. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, B. de S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.